

ESTADO DA ARTE: VULNERABILIDADE PSICOLÓGICA EM UNIVERSITÁRIOS

STATE OF THE ART: PSYCHOLOGICAL VULNERABILITY IN UNIVERSITY STUDENTS

ESTADO DEL ARTE: VULNERABILIDAD PSICOLÓGICA EN ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS

Laiza Rodrigues Oliveira¹ 0000-0002-7244-6103

¹ Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (Uemasul) – Açailândia, Maranhão, Brasil; laiza.oliveira@uemasul.edu.br

RESUMO

O ingresso em uma Instituição de Ensino Superior (IES) é motivo de entusiasmo a todos os alunos que fizeram o ENEM ou vestibular, e ao se deparar com essa nova realidade, o aluno desencadeia uma série de elevadas expectativas em relação ao futuro acadêmico, profissional e pessoal, podendo despertar sentimentos destrutivos ao não saber lidar com esse novo contexto. Com base nisso, a relevância de estudos como este está em contribuir para o conhecimento da incidência e as principais características de questões emocionais em universitários, onde a instituição saberá as necessidades dos alunos e poderá oferecer além de conhecimento científico, amparos sociais e psicológicos. Dessa forma, esta discussão foi possível mediante ao mapeamento de algumas produções acadêmicas sobre vulnerabilidade psicológica e emocional, cujas bases de dados foram: SciElo e Google Acadêmico, a fim de promover um apanhado bibliográfico do tema. Portanto, considera-se que, é conveniente o investimento por parte das IES no cuidado com a preservação da saúde mental e emocional dos seus acadêmicos.

Palavras-chave: acadêmicos; saúde mental; universidade; vulnerabilidade.

ABSTRACT

Admission to a Higher Education Institution (HEI) is a reason for enthusiasm for all students who have taken the ENEM or vestibular, and when faced with this new reality, the student triggers a series of high expectations regarding the academic, professional future and personal, which can arouse destructive feelings by not knowing how to deal with this new context. Based on this, the relevance of studies like this one is in contributing to the knowledge of the incidence and the main characteristics of emotional issues in university students, where the institution will know the students' needs and will be able to offer, in addition to scientific knowledge, social and psychological support. Thus, this discussion was possible through the mapping of some academic productions on psychological and emotional vulnerability, whose databases were: SciElo and Google Scholar, in order to promote a bibliographic survey of the theme. Therefore, it is considered that it is convenient for HEIs to invest in caring for the preservation of the mental and emotional health of their academics.

Keywords: academics; mental health; university; vulnerability.

RESUMEN

El ingreso a una Institución de Educación Superior (IES) es motivo de entusiasmo para todos los estudiantes que han cursado el ENEM o vestibular, y ante esta nueva realidad, el estudiante desencadena una serie de altas expectativas en cuanto al futuro académico, profesional y personal, lo cual puede despertar sentimientos destructivos al no saber cómo lidiar con este nuevo contexto. En base a esto, la relevancia de estudios como este está en contribuir al

conocimiento de la incidencia y las principales características de los problemas emocionales en estudiantes universitarios, donde la institución conocerá las necesidades de los estudiantes y podrá ofrecer, además de conocimiento científico, apoyo social y psicológico. Así, esta discusión fue posible a través del mapeo de algunas producciones académicas sobre vulnerabilidad psicológica y emocional, cuyas bases de datos fueron: SciElo y Google Scholar, con el fin de promover un levantamiento bibliográfico sobre el tema. Por lo tanto, se considera que es conveniente que las IES inviertan en cuidar la preservación de la salud mental y emocional de sus académicos.

Palabras clave: académicos; salud mental; universidad; vulnerabilidad.

Introdução

Os jovens e adolescentes passam por diversas situações de estresse, angústias, frustrações, dentre outros sentimentos até a chegada à vida adulta. Um dos momentos mais aguardados e que faz parte desse processo de crescimento e amadurecimento é do vestibular, já que depois de um ano intenso de estudo e investimento de tempo e dinheiro na preparação para as provas, é chegado o momento de muita tensão, a aprovação ou a não aprovação no processo seletivo. Logo após a essa etapa, o jovem que ingressou na faculdade, inicia mais um desafio, a adaptação de uma nova rotina para atender às demandas requeridas pela universidade.

O estudante se depara com um novo cenário de vida, que o induzirá a ter grandes expectativas em relação ao próprio futuro profissional e pessoal, uma vez que dentro das universidades há ocasiões que podem desenvolver no aluno níveis altos de estresse, ansiedade, angústia ou qualquer outra espécie de sofrimento, isso é uma resposta do organismo aos esforços que o discente realiza para adaptar-se à nova realidade. Nesse sentido, este estado da arte tem como finalidade refletir acerca do que dizem estudos sobre a vulnerabilidade emocional em estudantes universitários, em que se busca identificar padrões de sofrimento mental, conflitos e sintomas emocionais.

Este trabalho é de profunda relevância social, pois se propõe a compreender tal fenômeno e reitera a necessidade de se tornar favorável a vida do universitário nesse período de formação, viabilizando uma maior ênfase no atendimento psicológico de livre acesso e menos burocrático para a manutenção da qualidade de vida e bem-estar do acadêmico. Entender que a Instituição de Ensino Superior (IES) tem a possibilidade de oferecer maior e melhor acolhimento aos estudantes, oferecendo-os além de conhecimento científico, amparos psicológicos. Entender que o discente tem necessidades básicas para viver dignamente durante o período de formação acadêmica, é peça fundamental deste estudo, apesar de que a falta ou inadequação da moradia, subsídio financeiro, amparos médicos e psicológicos tem sido fator predominante para a vivência de situações de desamparo e fragilidade dos acadêmicos, isso

ocorre quando os mecanismos que poderiam proteger socialmente esse estudante não funcionam corretamente.

Alguns conceitos e aspectos da vulnerabilidade psicológica

Tratar sobre sofrimento emocional não é algo novo, no entanto, conforme o tempo passa as discussões sobre esse assunto vêm traçando caminhos cada vez mais abrangentes. Definir o conceito de sofrimento emocional não é tarefa fácil, já que o sofrimento se revela de diferentes formas e intensidades. Acredita-se que o sofrimento está atrelado há algo mais amplo do que dor física, uma vez que o sujeito também sofre com perdas, injustiças, privação material, pressões sociais, exclusão, entre outros. Ou seja, a dor se manifesta em várias formas de expressões, por isso a dificuldade em definir o que é sofrimento emocional, pois esse problema se apresenta de uma forma subjetiva (WERLANG; MENDES, 2013).

A partir disso, é possível dizer que há uma linha tênue entre a dor e o sofrimento, uma vez que ambas aparentam semelhanças, porém têm definições distintas. A dor pode ser compreendida como uma sensação fisiológica, distinguindo-se do sofrimento que, por sua vez, seria um tipo de resposta psicológica, que atua sobre o isolamento social, ansiedade, insônia, insegurança, estresse e sentimentos associados à depressão. Pesquisadores afirmam que o sofrimento tem predominância na atualidade, sendo tratado como uma patologia da sociedade contemporânea. Como se pode verificar no trecho seguinte:

[...] ao referir-se às expressões de sofrimento social, não importa se as formas extremas de sofrimento social, como o suicídio, se manifestam dentro dos teatros ou se exacerbam em um agir sobre o mundo, dentro da família ou no espaço do trabalho: ele se constitui em um efeito de nossa configuração social. Então, a origem do sofrimento social estaria articulada a uma configuração social determinada. Tal configuração, por sua vez, geraria patologias sociais determinadas, medradas nos indivíduos (WERLANG; MENDES, 2013, p. 753-754).

Em outras palavras, a patologia da sociedade contemporânea referida por Werlang e Mendes (2013), é a de que os sofrimentos podem ser causados por meio de algumas situações de vulnerabilidade em que as pessoas estejam inseridas, que se dá por configuração social, falência da rede de apoio emocional, rupturas de laços afetivos e da incapacidade interna do indivíduo de se organizar e constituir instrumentos que possam alterar o social. O acúmulo desses sofrimentos, causados pela vulnerabilidade em transpor as situações problemas, teria como resultado final uma psicopatologia como, por exemplo, a depressão ou a sensação de impotência frente às manifestações internas e externas. Nos seus estudos, as autoras Werlang e Mendes (2013) mostram que foram observadas as relações sociais de alguns grupos de pessoas

que estariam inseridas em ambiente de vulnerabilidade social como, a falta de moradia, situações de risco, doenças físicas e mentais, excesso de trabalho, entre outros. Tais contextos resultariam em sentimentos como, estresse, insegurança, exclusão, ansiedade, tensão, etc.

Originalmente, tais sofrimentos foram descritos a partir das observações das relações sociais das pessoas em situação de vulnerabilidade social, daquelas desprovidas de moradia, jovens em situação de risco e pessoas com doenças mentais. No entanto, gradualmente, tais mecanismos foram sendo encontrado em vários grupos sociais, expressos como burn out ou mesmo o sofrimento no trabalho (WERLANG; MENDES, 2013, p. 762).

Retornando às palavras iniciais, entende-se por sofrimento emocional uma espécie de resposta psicológica presente em sentimentos desagradáveis que um indivíduo está vivenciando. Tal sofrimento é consequência de uma situação de vulnerabilidade que o sujeito passa em algum momento de sua vida. Werlang e Mendes (2013) apresentam duas dimensões causadoras de vulnerabilidade, que são a social e econômica. Quando a pessoa se sente ameaçada com a precariedade econômica que o cerca (no caso do trabalho) e quando os laços sociais (família, amigos, relacionamento conjugal, etc.) estão enfraquecidos se tem uma fragilização do indivíduo, propiciando um terreno fértil para a vulnerabilidade.

Em relação à realidade dos universitários dentro das Instituições de Ensino Superior (IES), que não é diferente dos demais contextos vividos em uma sociedade geral, é possível visualizar a variedade de sofrimentos que podem ou poderão passar, visto que, a partir do momento que o estudante ingressa na universidade e se depara com uma nova situação de vida estressante, desencadeia uma série de elevadas expectativas em relação ao próprio futuro profissional e pessoal, juntamente com a pressão imposta em decorrência de novas formas de ver o mundo, da necessidade de produzir resultados adequados frente aos conhecimentos que, por consequência, acabam resultando em alta vulnerabilidade emocional. De acordo com Werlang e Mendes (2013), o indivíduo da atualidade é vulnerável, pois os mecanismos de proteção social passam, segundo elas, por um afrouxamento.

Castel afirma que o indivíduo hoje é vulnerável, uma vulnerabilidade gerada pelo afrouxamento dos mecanismos de proteção social. Tal afrouxamento articula-se, por sua vez, a toda uma ideia subjacente de se chegar a uma situação de autonomia: a promessa de autonomia do indivíduo não se cumpre, em verdade. Para o autor, a questão envolvendo a vulnerabilidade é central na análise das transformações sociais em curso e que remetem a uma emergência de uma vulnerabilidade acentuada. Estaria em curso uma incerteza com relação ao desejo de viver “o fardo de cada dia” (WERLANG; MENDES, 2013, p. 751).

E, uma das classes da população que tem sofrido com essa realidade, é a de estudantes universitários, sobretudo os de universidades públicas, assim como as outras pessoas em geral,

eles pretendem conquistar sua independência/autonomia, mas durante o processo de formação acadêmica há uma série de situações que desestimulam ou acabam com a ideia de autonomia, pois os mecanismos de proteção social sofrem um enfraquecimento na contemporaneidade que, por sua vez, prejudicam a vivência do aluno durante a graduação. O discente tem necessidades básicas para viver dignamente durante o período de formação acadêmica, porém a falta ou inadequação da moradia, subsídio financeiro, amparos médicos e psicológicos tem sido fator predominante para a vivência de situações de vulnerabilidade.

Isso ocorre quando os mecanismos que poderiam proteger socialmente esse estudante não funcionam corretamente. Para entender melhor sobre situações de vulnerabilidade, é preciso compreender o que se entende por vulnerabilidade. Até o momento, foi discutido acerca das condições de vida e o meio em que o universitário está inserido enquanto fator determinante para o bem-estar do mesmo, isso está relacionado ao campo da saúde pública. O conceito sobre a vulnerabilidade se incorporou nessa área e ganhou maior notoriedade, em razão de estudos epidemiológicos que puderam compreender complexos processos de saúde e enfermidades na população que, por consequência, tornou-se um terreno fértil para investigações sobre a vulnerabilidade, já que ela emerge sempre que constatado alguma enfermidade nas pessoas.

Conforme Malagón-Oviedo e Czeresnia (2015) a implementação de estudos a respeito da vulnerabilidade no campo da saúde pública se deu a partir da década de 1980, por ter estado associada à história da epidemia de AIDS/HIV nessa época. Possibilitando assim maiores discussões sobre a construção do entendimento de problemas vinculados a saúde ambiental, saúde mental e envelhecimento da população, como também doenças infecciosas e crônicas, estágios críticos de fragilidade clínica, etc. Os autores ainda abordam a respeito de variáveis (os comportamentos, práticas de risco ou condições adversas) relacionadas às condições de vida das pessoas, que quando mal articuladas acabam interferindo direta ou indiretamente em seu bem-estar, causando fragilidades, ansiedades, tristezas e desconfortos de forma geral.

Interessados em descrever variáveis relativas às condições de vida – tais como renda, qualidade da moradia, nível educativo, iniquidade de gênero etc. – que incidem na ocorrência de eventos adversos, são intitulados com alguma frequência como relativos à vulnerabilidade. Nesses casos, considera-se que as variáveis ocupam um lugar na cadeia causal (MALAGÓN-OVIEDO; CZERESNIA, 2015, p. 239).

Malagón-Oviedo e Czeresnia (2015), assim como Werlang e Mendes (2013), também argumentam que a vulnerabilidade se caracteriza como crise da sociedade moderna, gerada a partir da ruptura dos sistemas de proteção social, isto é, a decadência de determinantes políticos, econômicos, sociais e culturais, tais como qualidade na moradia, renda, qualidade no trabalho,

laços afetivos, entre outros. Com base nesses contextos, a vulnerabilidade passou a ser vista como um objeto de reflexão do campo da saúde pública, iniciando-se na década de 80 por conta da militância contra a discriminação e rejeição das pessoas portadoras de HIV/AIDS pelos demais membros da sociedade. A partir desse cenário, fez-se necessário a intervenção do campo sanitário no processo de elaboração de estratégias de cuidado integral e prevenção da patologia, como também na manutenção dos Direitos Humanos das pessoas portadoras da enfermidade.

Delor e Hubert (2000) citados no trabalho de Malagón-Oviedo e Czeresnia (2015, p.241) abordaram aspectos importantes sobre a vulnerabilidade que os indivíduos com HIV/AIDS estão inseridos, no qual descrevem e analisam o percurso de vida do indivíduo desde o seu nascimento até o momento atual, as interações e cenários problemáticos que os portadores estão introduzidos e, finalmente, aspectos contextuais relacionados às formas de discriminação, rejeição, abandono e os tipos de relações sociais que as pessoas com HIV/AIDS estabelecem. Toda essa investigação para corroborar na compreensão dos contextos que conduzem à vulnerabilidade do indivíduo.

Uma eventualidade pode conduzir a um fato catastrófico, mas a ameaça eficiente de sofrer um dano (a vulnerabilidade) é permanente na vida do hemofílico, tanto que modela, em diferentes graus, o curso da existência [...]. Em cada situação de vulnerabilidade, o organismo, em referência a seu meio, experimenta as consequências da transgressão do preceito relacional. Mas não qualquer tipo de transgressão, senão aquela que signifique possibilidade de dano. A vulnerabilidade vital evoca, por vezes mais sutil ou, ainda, mais definida, o evento da morte (MALAGÓN-OVIEDO; CZERESNIA, 2015, p. 243).

Outro campo a ser considerado é que a vulnerabilidade emerge quando há desequilíbrio ou inadequação entre a capacidade emocional do sujeito em suportar desafios inerentes do meio social, econômico, político e cultural, como também a ruptura dos sistemas de proteção social, já que demanda do sujeito flexibilidade e destreza na superação de circunstâncias que atingem os seus seguimentos biológicos, existencial e social, proporcionando insegurança, fragilidade, tristeza, entre outros sentimentos, causados pela vulnerabilidade.

A fragilidade biológica pode ser entendida na diminuição da capacidade ou dos recursos da pessoa em lidar com situações estressoras, ameaças, perigos ou com doenças, ou seja, “a insegurança biológica significa vulnerabilidade” (MALAGÓN-OVIEDO; CZERESNIA, 2015). O sistema de proteção social, como exposto anteriormente, é fator fundamental para o bom funcionamento do estilo de vida da população, pois quando esse mecanismo está sendo executado na sociedade de forma adequada, minimiza diversas condições de estresses. A proteção social nada mais é que:

Instituições sociais que intermediam relações protetoras e de agenciamento das pessoas. Por exemplo, nos níveis de sociabilidade primária, operam relações familiares e comunitárias. Por contraponto, as instituições sociais impessoais representam o mundo das relações contratuais, tais como as relações de trabalho ou dos sistemas de proteção social e de saúde etc. (MALAGÓN-OVIEDO; CZERESNIA, 2015, p. 244).

Em outras palavras, as situações que dispensam o exercício eficiente de Direitos Humanos aos cidadãos, isto é, a retirada de suportes institucionais de segurança social como, relações familiares e afetivas, moradia, trabalho, saúde pública, etc., configura, no plano social, a vulnerabilidade, que se refere à existência de relações que limitam ou restringem a capacidade emocional, física e psicológica das pessoas em atuarem em ocorrências estressantes, ou seja, de se afirmarem no mundo, ocasionando, por sua vez, vulnerabilidade. Dentro do âmbito acadêmico a vulnerabilidade se configura quando o estudante universitário se desestabiliza por não conseguir lidar com as demandas que o nível superior exige, um exemplo disso está envolvido com pressões sociais e conflitos internos relacionado com o sucesso profissional.

Os sentimentos de desajustamento e insatisfação com o curso de graduação favorecem o surgimento de conflitos postos pelas situações de aprendizagem, como também a inadequação da imagem idealizada do universitário que acrescenta mais pressões, uma vez que o aluno precisa estar provando constantemente para os outros e para si a sua capacidade de corresponder eficientemente às demandas do ensino superior. Sentimentos de estresse, esgotamento, ansiedade, depreciação do eu, depressões, comportamentos autodestrutivos, etc., se fazem presentes sempre que há tais ocorrências. A existência de sistemas de proteção social dentro da universidade requer um olhar mais profundo, pois quando o aluno se dispõe a concluir o nível superior acaba, por sua vez, tendo necessidades básicas para permanecer estudando.

O ambiente digno durante o período de formação acadêmica requer moradia, para aqueles que saem da sua cidade para morar mais próximo da universidade, requer subsídio financeiro para aqueles que não possuem renda fixa, amparos médicos e psicológicos para uma boa parte que não consegue sozinho enfrentar as situações impostas pelo meio acadêmico. Tudo isso, contribui para o bem-estar e qualidade de vida do acadêmico, porém quando há a falência desse sistema, corrobora para vivência de situações de vulnerabilidade e de sensações variadas de desânimo, esgotamento e desestímulo da vida.

Transpor a temática da vulnerabilidade para o ambiente discente reitera a importância de estudos sobre a qualidade de vida, bem-estar psicológico e características relacionais dos acadêmicos em diferentes âmbitos, que requer investigação que considere o contexto do ensino

superior e questões pertinentes a ele. Para tanto, é conveniente que se entenda sobre qualidade de vida. Alguns autores citados por Silva (2010), em sua tese de mestrado sobre o assunto, expõem variedades de conceito sobre a qualidade de vida.

Segundo Kawakame e Miyadahira (2005), a expressão começou a ser utilizada nos Estados Unidos para descrever a aquisição de bens materiais, e após, o conceito foi ampliado para medir o desenvolvimento econômico de uma sociedade. E só então, mais tarde, passou a mensurar o desenvolvimento social, por meio da saúde, educação, moradia, transporte, entre outros.

Autores como Minayo, Hartz e Buss (2000) consideraram que o conceito de qualidade de vida tem se aproximado ao grau de satisfação encontrado na vida familiar, amorosa, social e ambiental. Outra definição considera qualidade de vida boa ou excelente aquela que oferece um mínimo de condições para o desenvolvimento máximo das potencialidades dos indivíduos (SILVA, 2010, p. 20).

Em outras palavras, o termo qualidade de vida, inicialmente, estava atrelado à aquisição de bens materiais, posteriormente a definição expandiu-se para mensurar o desenvolvimento econômico de uma sociedade, isto é, no princípio a conceituação de qualidade de vida era possuir bens e fazer parte da elite econômica da época. Conforme o tempo passava, o conceito adequava-se e movia-se a abranger questões sociais como, educação, moradia, transporte, etc. Outra concepção de qualidade de vida está ligada ao grau de satisfação que a pessoa pode encontrar no meio familiar, social, ambiental e em relações amorosas, no qual o sujeito tenha possibilidade de exercer suas potencialidades individuais.

O consenso sobre o que de fato é qualidade de vida foi desenvolvido pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que após reunir especialistas de variadas localidades do mundo, entenderam o termo como “a percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações” (THE WHOQOL GROUP, 1997). Isto é, a qualidade de vida é uma construção subjetiva que envolve dimensões ambientais, tais como aspectos físicos, psicológico, nível de independência, credo e relações sociais do sujeito, que são constituídas por elementos positivos e negativos. Isso revela um conceito amplo e complexo, pois está inter-relacionada às áreas fundamentais para a garantia do bem-estar do sujeito.

A qualidade de vida, de acordo com Fleck et al (1999), consiste por meio de três áreas, a primeira denominada de bem-estar subjetivo, que se refere ao olhar da pessoa sobre o mundo, seus valores e crenças; o segundo campo relaciona-se com a saúde, compreendida não apenas como a ausência de doenças, mas também como o bem-estar físico, mental e social; por fim, o bem-estar social, que está ligado à afirmação do indivíduo no ambiente que o cerca e sua relação

com a sociedade. Portanto, percebe-se que para assimilar as informações sobre qualidade de vida do sujeito, é preciso passar também pela ótica do bem-estar psicológico.

O bem-estar psicológico é organizado por meio de componentes fundamentais, que envolve questões como, a autoaceitação, domínio do ambiente, autonomia, relacionamentos positivos com a sociedade, propósito de vida e êxito pessoal. Esses fatores promovem, intimamente, a conservação da saúde mental das pessoas (RYFF; KEYES, 1995 *apud* SILVA, 2010). A OMS conceitua o bem-estar na perspectiva da saúde mental, abordando fatores biológicos e psicológicos que afetam a saúde mental das pessoas, bem como fatores socioeconômicos e ambientais, expõe a definição da seguinte forma:

Não é somente a ausência de um transtorno mental. É definida como um estado de bem-estar no qual cada indivíduo pode realizar seu próprio potencial, pode enfrentar o estresse normal da vida, pode trabalhar de forma produtiva e frutífera e está apto a construir com a sua comunidade (WHO, 2008 *apud* SILVA, 2010, p. 24).

Em vista disso, nota-se que o sofrimento emocional, a vulnerabilidade, a qualidade de vida e o bem-estar psicológico são fatores da saúde que afetam intimamente uma pessoa. O sofrimento emocional, por exemplo, tem se manifestado com alta prevalência na população discente, em forma de ansiedade e depressão, essa condição varia entre 25% e 34% entre os universitários (GIGLIO, 1976; CERCHIARI, 2004; FACUNDES; LUDERMIR, 2005 *apud* SILVA, 2010). Dentre esses fatores citados, a ideação suicida na comunidade discente também é bastante alarmante. O comportamento suicida é um gatilho para o surgimento de tentativas de suicídio e a consumação do mesmo, podendo surgir no meio universitário em qualquer momento de adversidade, desde o ingresso à conclusão do curso.

Para entender melhor sobre o comportamento suicida, uma “pesquisa com 637 universitários brasileiros que responderam a um questionário, onde 52,45% disseram que sentiam vontade de morrer e 48 haviam tentado se matar” (LIMA, 2013, p. 80) mostra o quão alarmante é essa prática entre os universitários. De acordo com Santos et al (2017) o suicídio é a segunda causa de morte entre acadêmicos, estando atrás apenas da automutilação. Os autores ainda trazem dados da OMS do ano de 2012, com taxa de casos de suicídio, faixa etária predominante e ainda expõem preocupação em relação aos altos percentuais de casos, uma vez que esses jovens tinham inúmeras possibilidades de crescimento pessoal, social, profissional e acadêmico.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) no ano de 2012, estima-se que 804 mil pessoas tenham se suicidado no mundo. Entre jovens (na faixa etária de 15 a 29 anos), tem sido evidenciado um aumento dos casos, sendo responsável por 8,5% das

mortes nessa faixa etária em todo mundo. A evidência desse crescimento, nesse segmento populacional, é preocupante, dada a possibilidade de anos a serem vividos, de produtividade e de transformações na vida desses jovens que estão ingressando no meio acadêmico (SOUSA et al, 2017, p. 2).

Os fatores associados à ideação suicida, na população universitária, podem revelar-se em diversas situações que ocorrem durante o período de formação acadêmica, que estão associados a desafios do processo de desenvolvimento e transformações pessoal, social, profissional e acadêmico que requer maturidade e autonomia do universitário para tomada de decisões frente às exigências e determinações rígidas do ambiente acadêmico. Sendo assim, é indispensável a promoção de ações de qualidade de vida e bem-estar psicológico, prevenção e enfrentamento da vulnerabilidade e sofrimento psicológico, pois, infelizmente, a ‘saída’ de alguns estudantes para os conflitos vividos nas universidades está sendo o suicídio.

É importante também, que gestores e população em geral, tenham ciência da importância de medidas que visem identificar e minimizar as ideações suicidas. Que haja profissionais da saúde que atuem dentro do câmpus ou que acompanhem os estudantes fora dele. Nesse sentido, é relevante analisar o ambiente em que o universitário está inserido, visando compreender que ao ingressar na instituição, o aluno passa a desempenhar atividades exigidas pelo ensino superior com a qual é confrontado, como também desenvolver habilidades antes não utilizadas, isso faz parte do processo de transição e adaptação da nova etapa, configurando-se como um período de muitos desafios a serem superados.

Além dessas questões, durante o período de formação acadêmica sobrevêm no discente um sentimento de estabelecer uma identidade e explorar papéis sociais, ter relações interpessoais maduras, comprometimento com o êxito do seu presente e futuro pessoal e profissional. Muitas possibilidades que corroboram para a formação da identidade do universitário, e isso, produzem um turbilhão de sentimentos de incertezas, inseguranças, conflitos internos, ansiedade, etc. Silva (2010) expõe mais algumas situações conflituosas que o aluno passa, em relação à escolha do curso e as possíveis frustrações que a falta de informação sobre ele pode causar, a falta de objetivos bem definidos durante a escolha do curso e das motivações que o levaram a querer ingressar na universidade e o choque de realidade ao se deparar com uma dinâmica escolar diferente da do ensino básico. A autora aborda essas questões da seguinte maneira:

Uma série de dificuldades é enfrentada pelo estudante universitário neste período de graduação e algumas delas estão relacionadas a falta de conhecimento concreto sobre o curso e sobre o significado de estar na universidade. Além de, muitas vezes, o aluno ter expectativas iniciais equivocadas que podem gerar decepções com a sua vivência

acadêmica, além disso, as diferenças entre escola e universidade e as informações restritas sobre o curso podem contribuir para o insucesso escolar e abandono do mesmo (SILVA, 2010, p. 27).

Após deparar-se com tais ocorrências, as principais modificações sofridas pelo organismo do graduando em relação ao bem-estar psicológico, é o desencadeamento de sentimentos depressivos e de insatisfação com a vida, diminuição na autoestima e surgimento de dificuldades cognitivas. Tantos aspectos relacionados ao âmbito acadêmico exercem grande influência sobre o estado emocional dos estudantes. Isso reafirma a importância de se averiguar as dimensões da qualidade de vida dos universitários, uma vez que “essa avaliação permite oferecer para as instituições de ensino dados importantes sobre a saúde dos alunos e possibilita que sejam melhorados possíveis déficits existentes na relação estudante/instituição” (SILVA, 2010).

Baseado nas problemáticas apresentadas percebe-se que há emergência de atenção mais significativa em questões pertinentes à saúde dos universitários e as adversidades que ele passa ao ingressar na IES e durante o período de formação acadêmica. Por isso é indispensável a elaboração de projetos e programas, por parte das universidades, para proporcionar atendimento integral ao graduando, com o objetivo de prevenir o surgimento de transtornos mentais, sofrimento emocional e vulnerabilidade e promover a qualidade de vida e bem-estar psicológico no contexto acadêmico.

Vulnerabilidade psicológica em universitários

As pesquisas científicas contribuem para o acontecimento de grandes movimentos e ações sociais, por algo que é descoberto ou utilizado para ajudar e/ou evitar determinado fenômeno da sociedade. Assuntos como, a incidência de sofrimento mental, conflitos e sintomas emocionais em alunos de Ensino Superior podem gerar uma série de pesquisas e discussões como, por exemplo, os fatores contribuintes da incidência, o grupo de alunos mais afetados, a prevalência de transtornos mentais nessa classe, entre outros. Essas pesquisas podem visar, neste caso, a promoção de políticas públicas para melhor acolhimento dos universitários no período de formação. O conhecimento e a pesquisa científica andam juntos e fazem uma dupla de extrema importância para o ser humano, tanto no campo da saúde, quanto na questão econômica e de muitas outras formas.

Seguindo esse raciocínio, pesquisa como a de Osse e Costa (2011), realizada com estudantes universitários sobre a sua qualidade de vida, é bastante relevante para a manutenção

e melhoria da mesma, o objetivo do estudo dos autores foi mapear as condições psicossociais e a qualidade de vida de universitários da moradia estudantil da Universidade de Brasília. Eles contaram com a contribuição de 87 voluntários com média de idade de 22 anos. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário autoaplicável sobre a situação sociodemográfica (comportamento social de uma determinada quantidade de pessoas por um determinado território) e com questões relativas a eventos de vida, uso de álcool e drogas e comportamento suicida dos alunos.

Os autores apresentam, primeiramente, discentes com a qualidade de vida na moradia comprometida, por conta de um histórico familiar negativo em comum, e comportamentos de risco como o uso de álcool. O grupo que foi estudado pelos pesquisadores indica limitações da moradia como ambiente saudável. Quando esses estudantes ingressam na universidade e precisam, por questões financeiras, morar na casa do estudante, acabam se deparando com uma realidade precária, tanto na dimensão econômica quanto na social, pois nem toda universidade oferece uma moradia de qualidade, que irá atender às necessidades do estudante.

Nesse ambiente, os estudantes podem desenvolver um desamparo emocional, fazendo com que os discentes formem redes de relacionamento nos alojamentos durante o período de graduação. Essas redes podem tanto funcionar como apoio, como também, em função da grande influência que exerce sobre sua identidade e formação acadêmica, pode favorecer os comportamentos de risco e conseqüentemente o aumento da exposição emocional e às situações sociais degradantes. Por sua vez, acabam gerando maior nível de fragilidade e vulnerabilidade.

Considerando que esta amostra é composta por estudantes em início de curso, moradores da casa estudantil, as dificuldades ou ocorrências relacionadas à situação socioeconômica podem ser dados da realidade atual do cotidiano do estudante, que, inclusive, para se beneficiar do direito à moradia, teve que comprovar sua condição financeira. Podemos pensar na possibilidade de que, a partir do momento em que passaram a residir na CEU, os eventos adversos, que até então estavam relacionados com dificuldades no relacionamento familiar, passaram a estar relacionados também a dificuldades financeiras (OSSE; COSTA, 2011, p. 120).

Em segundo lugar, a vulnerabilidade que o estudante universitário esteja passando no período de formação acadêmica pode ser um forte indicador para um sofrimento emocional, propiciando assim, comportamentos de risco para a saúde desse grupo. O comportamento de risco mais comuns dentro das IES são, o consumo de bebidas alcoólicas, tabaco e drogas ilícitas, que se inicia, de forma geral, na companhia de amigos ou em festas para querer se sentir membro de um grupo ou apenas por curiosidade (RIGONI et al, 2012). É importante considerar que os jovens universitários ainda possuem características típicas da adolescência, em que

sentimentos de autoestima são conquistados, sobremaneira, pela aceitação e participação em grupos.

Nesse caso, passar a consumir substâncias químicas favorece o senso de coletividade, contudo não propicia uma organização psicológica adequada às situações de pressão e enfrentamento necessárias à vida estudantil. Conforme Ortega-Perez, Costa-Junior e Vasters (2011) no seu trabalho sobre as características do perfil epidemiológico da toxicodependência em universitários e bem estar do universitário, realizada na Universidade de El Salvador, situada na América Central, em 2008, por meio de questionário estruturado e autoaplicável, com a participação de 500 alunos, buscaram alcançar através dessa pesquisa as taxas de uso e tipo de drogas lícitas e ilícitas dentro da universidade, fatores epidemiológicos e a percepção dos usuários de drogas sobre o impacto que o uso dessas drogas tem sobre o desempenho acadêmico.

De acordo com os pesquisadores as razões que levam os estudantes universitários ao uso de drogas lícitas ou ilícitas não estão relacionadas apenas ao fato de querer experimentar ou fazer parte de um grupo social, mas também está associada à presença de aspectos psicológicos ou sociais como, por exemplo, estresse acadêmico, ansiedade, problemas familiares e econômicos e sentimentos aliados à depressão. Os pesquisadores mostram ainda, que o uso de drogas tem efeito sobre o desempenho acadêmico, contrapondo com o discurso dos usuários, que insistentemente afirmam que as drogas não exercem nenhum impacto no seu rendimento acadêmico.

A depressão no contexto universitário é o terceiro fator importante para se entender como situações de vulnerabilidade predispõe a saúde emocional e psíquica de má qualidade nos estudantes. Há pesquisas como, a de Fonseca, Coutinho e Azevedo (2008) que se realizam no âmbito de vida dos acadêmicos. A pesquisa dos autores teve como finalidade captar as representações sociais da depressão nos estudantes do curso de Psicologia de uma universidade em João Pessoa, situada na Paraíba, no qual fizeram parte 56 alunos de ambos os sexos, com média de idade de 18 a 26 anos.

Como instrumentos, se utilizou o Beck Depression Inventory para rastrear a medida da intensidade de depressão entre os acadêmicos e do Teste de Associação Livre de Palavras, essa investigação que revelou um alto percentual de casos de depressão na comunidade discente. Conforme os pesquisadores, entre as mulheres há uma predominância de casos, sendo 97% de estudantes, com idade média de 20 anos. Os causadores dessa incidência de casos de depressão

na população acadêmica se dão, segundo eles, principalmente por fatores estressantes de cunho psicossocial.

Os estudantes com sintomas de depressão representam a mesma como algo desencadeado por um conjunto de problemas advindos do sofrimento, da solidão, do preconceito e o fato de eles apresentarem sintomas dessa doença, faz com que eles tenham uma representação de si mesmos como tristes, sozinhos e desmotivados, que necessitam de ajuda para enfrentar este problema. O ser depressivo vem espelhado em seus conhecimentos do senso comum e de si próprios quando trazem a necessidade de apoio como fundamental para a saúde e melhora da pessoa que sofre com a depressão. Observa-se aqui, de acordo com o saber prático dos participantes da presente pesquisa que a depressão é consequência de problemas afetivos e relações sociais insatisfatórias, mostrando a necessidade de se priorizar o estado psicológico do indivíduo através da atenção, da compreensão e socialização (FONSECA; COUTINHO; AZEVEDO, 2008, p. 496).

Desse modo, é possível compreender que situações de vulnerabilidade dentro do contexto de vida da população de estudantes universitários se dão por intermédio de duas dimensões. A dimensão social que está relacionada com fragilidade nos laços sociais como, a família, os amigos, o relacionamento conjugal, etc., os comportamentos de riscos e sentimentos associados à depressão, como também, a dimensão econômica que se dá por intermédio do afrouxamento nos mecanismos de proteção social que resulta na falta ou na precarização da moradia, alimentação, lazer, subsídios médicos e psicológicos. Todos esses fatores citados comprometem o desempenho acadêmico dos alunos, durante todo o processo de formação, por esse motivo, se dá a importância do estudo em questão e das políticas públicas para que a universidade possa ofertar amparo de qualidade como, moradia apropriada, para aqueles que saem de sua cidade para morar próximo à universidade.

É necessário compreender que não basta a oferta de moradia, esta precisa ter condições ambientais que favoreçam a saúde mental, bem como política de avaliação e intervenção que favoreçam seus moradores. Outra esfera a ser considerada é o contato com dados de vulnerabilidade de universitários, a criação de redes de amparos médicos e psicológicos, e de grupos de lazer, como esportes, teatro, leituras literárias, danças, e outras, por essas serem favorecedoras da qualidade de vida e da superação dos problemas individuais. Auxílio, como de bolsas permanência, pode até diminuir a fragilidade econômica, mas não garante o acesso a aprendizagem e a vivência saudável ao longo do curso, sendo necessário a implementação de serviços de suporte que minimizem assim, comportamentos de risco, sofrimento psíquico e conflitos emocionais.

Padovani et al (2014) descreve em seu trabalho uma pesquisa realizada sobre o perfil socioeconômico e cultural dos estudantes das instituições federais de ensino superior brasileiras

em 2003. Entre os diversos resultados encontrados, destacam-se os relacionados ao sofrimento psíquico: 36,9% dos estudantes relataram sofrer alguma dificuldade emocional, sendo que a prevalência é maior entre os primeiros (39,5%) e os últimos anos (36,9%) de graduação. Isso se deve, provavelmente, ao fato de que, tanto no começo do curso quanto no final, há um aumento significativo das pressões ambientais, uma vez que no primeiro ano o aluno dispense tempo e energia psicológica para se adaptar à nova situação e ao final do curso aumenta a preocupação com o futuro profissional, a ansiedade e angústia perante o devir.

O autor continua expondo que, entre os estudantes universitários, existe uma alta taxa de sintomas de ansiedade e depressão, podendo ser superiores às porcentagens encontradas na população geral. Para mostrar esse percentual, Padovani et al (2014) utiliza estudos realizados com o auxílio do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE) que têm apontado à vulnerabilidade da população universitária, principalmente da população feminina.

O relatório do FONAPRACE (2004, 2011) revelou uma grande parcela dos estudantes das universidades federais queixando-se de dificuldades de adaptação a novas situações, como à cidade, à moradia ou à separação da família. Nesse relatório, o percentual de estudantes das universidades federais que se queixaram de sofrimento psíquico foi de 36,9 e 47,7%, respectivamente. Isso sugere que pode estar ocorrendo um aumento considerável de necessidade de atendimento psicológico entre os estudantes universitários. No presente estudo, utilizando o SQR-20 e o QSG-12, aproximadamente 40% dos estudantes apresentaram sintomas de sofrimento psicológico. Outras manifestações desse sofrimento estão nas estimativas de ansiedade e depressão apresentadas pelos estudantes (PADOVANI et al, 2014, p. 7).

O FONAPRACE, utilizado na fundamentação da pesquisa de Padovani et al (2014), é um instrumento de pesquisa voltado para a investigação da saúde mental. Esse Fórum Nacional é composto por pró-reitores, sub-reitores, decanos ou responsáveis pelos assuntos comunitários e estudantis das IES públicas do Brasil, onde uma de suas funções é participar efetivamente na defesa da educação pública, gratuita, com qualidade acadêmica e científica e comprometimento com a sociedade que a mantém. No relatório do Fórum, exposto por Padovani et al (2014), revela que os acadêmicos têm apresentado vulnerabilidade social, pois tem dificuldade de adaptação do novo cenário em que ele está inserido, por conta do distanciamento dos familiares, da nova cidade e moradia. Por conseguinte, ocasiona o sofrimento mental como, altos níveis de ansiedade e depressão que ocasiona ao estudante universitário a necessidade de atendimentos psicológicos.

Padrões de sofrimento psíquico e Transtornos Mentais Menores (TMM) durante a estadia do acadêmico na Instituição de Ensino Superior (IES) é uma questão pouco investigada

e discutida, sobretudo em universidades públicas. No Brasil, os percentuais de prevalência de TMM variaram entre 25% e 58% entre os estudantes (CERCHIARI et al., 2005; NEVES; DALGALARRONDO, 2007 *apud* ANDRADE et al, 2016). Para tal fato, Padovani et al (2014) propôs algumas sugestões para melhorar os cuidados com os estudantes e futuros profissionais.

(1) Incentivo à convivência com a família, seja por meio de apoio financeiro, seja por meio de melhoria de transportes ou de oferecimento de ajuda para visitação às famílias de outros Estados;

(2) Aumento do número de profissionais de assistência psicossocial ao estudante com a criação de campanhas psicoeducativas para prevenção e tratamento do estresse junto a alunos, professores e demais profissionais de educação; e

(3) Políticas específicas voltadas para a saúde da mulher.

É necessária a realização de mais estudos, especialmente longitudinais, para que se possa não somente estimar a prevalência de estresse, mas também identificar os fatores que predis põem a ocorrência do estresse emocional e sua influência na saúde mental dos estudantes, a fim de auxiliar as políticas de assistência estudantil (PADOVANI et al, 2014, p. 8).

Conforme os autores, fica evidente o papel da universidade na promoção de políticas de assistência estudantil para o planejamento e desenvolvimento de ações integradas de prevenção e tratamento da saúde mental dos discentes, cuidando para a minimização de desamparos econômicos e sociais, bem como, fatores de adoecimento psicológico e físico, para que isso não desencadeie um ambiente de risco para os universitários. A implementação de políticas públicas em saúde para a superação dos conflitos vivenciados pelos estudantes é indispensável, e tais políticas podem ser construídas a partir de dados que abrangem a identificação do perfil dos estudantes da instituição, o grupo de alunos que são beneficiários ou não dos programas de assistência estudantil, o perfil de saúde desses estudantes, quais os serviços de saúde existem na assistência estudantil, etc. Pois, como visto anteriormente, o contexto de vida acadêmico é bastante estressante, podendo propiciar o surgimento de problemas psicossociais.

A partir do momento que são analisados os dados obtidos, torna-se possível a construção de um modelo adequado e eficiente que atenda as exigências relativas à população discente. Quando a instituição não dispõe de políticas específicas para as reais necessidades dos alunos, os dados coletados servem para registrar que a demanda existe e que é imprescindível a elaboração e execução de um sistema de assistência estudantil como, por exemplo, um psicólogo que atue na realização de análises, diagnósticos, e intervenções baseadas nas relações escolares do universitário.

No campo técnico, faz-se urgente capacitar as equipes em Saúde, com ênfase às questões relativas à Saúde Pública. Realizar programas e ações a partir de prévio levantamento diagnóstico institucional e com a compreensão de que já existe uma rede pública de saúde, que deve se comunicar com os serviços de saúde estudantil das

instituições federais. Desta maneira, as instituições atuariam no sentido de criar ambientes saudáveis e prevenir doenças associadas especificamente à realidade do aluno do ensino federal; enquanto que a rede local de saúde seria acionada quando da necessidade de tratamento (BLEICHER; OLIVEIRA, 2016, p. 548).

Em outras palavras, sabe-se que há rede de saúde pública para a população em geral, que precisa estar alinhada com os serviços de saúde estudantil das universidades, uma vez que, quando já forem feitos os diagnósticos prévios na universidade que resultem na necessidade de atendimento, a rede de saúde local possa ser contatada para a realização do tratamento. Isso corrobora na realização de programas e ações para instituir ambientes saudáveis e prevenir possíveis psicopatologias que estão comumente associadas ao contexto universitário.

Portanto, é conveniente o investimento por parte das IES no cuidado com a preservação da saúde mental e emocional dos seus acadêmicos, especialmente, as instituições públicas, uma vez que elas têm notoriedade quanto à construção do conhecimento científico dos discentes, tendo total capacidade de se destacar também no empenho de tornar favorável a permanência do aluno durante a graduação. Considerando-se que uma significativa parte dos estudantes se encontram em situação de vulnerabilidade e devam ter a efetivação dos direitos enquanto estudante e futuro profissional da educação.

Considerações Finais

Este estado da arte buscou conhecer alguns fatores associados à vulnerabilidade emocional entre os estudantes universitários a fim de refletir a vivência do universitário durante a graduação. Partindo desse conhecimento, foi possível entender os padrões de sofrimento mental, conflitos e sintomas emocionais que os graduandos vivenciam durante o processo de formação acadêmica. A partir disso, verificar as maneiras de enfrentamento em contextos de dificuldades. Durante a explanação do assunto, foi possível entender que, em primeiro lugar, os contextos e aspectos da fragilidade psicológica em universitários se dão por meio de sofrimento emocional e vulnerabilidade que o aluno pode estar vivendo no ambiente acadêmico.

A plena atuação do sistema de proteção social para manutenção da qualidade de vida e bem-estar psicológico dos alunos é de suma importância, uma vez que quando há ruptura desse sistema o universitário fica exposto a fatores estressores, depressões, ansiedades, etc. E, por algumas vezes, por não saber lidar com tais estressores, o graduando se torna suscetível às ideias suicidas e possíveis tentativas e consumação do ato. À guisa de arremate, o sofrimento e vulnerabilidade dentro do contexto acadêmico, podem prejudicar o processo de formação educacional e profissional do acadêmico. Para tanto, é pertinente que a Universidade tenha

responsabilidade com a qualidade de vida dos universitários e com o cuidado com a preservação da saúde mental e emocional dos seus acadêmicos, oferecendo um ambiente favorável para cada um, visando à implementação de políticas públicas em saúde para a superação dos conflitos vivenciados no âmbito acadêmico.

Referências

- ANDRADE, Antonio dos Santos; TIRABOSCHI, Gabriel Arantes; ANTUNES, Natália Amaral; VIANA, Paulo Vinícius Bachette Alves; ZANOTO, Pedro Alves; CURILLA, Rafael Trebi. Vivências Acadêmicas e Sofrimento Psíquico de Estudantes de Psicologia. **Psicol. cienc. prof.** [online], Brasília, v. 36, n. 4, p. 831-846, dez. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703004142015>
- BLEICHER, Taís; OLIVEIRA, Raquel Campos Nepomuceno de. Políticas de assistência estudantil em saúde nos institutos e universidade federais. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 20, n 3, p. 543-459, set/dez. 2016. <http://www.scielo.br/pdf/pee/v20n3/2175-3539-pee-20-03-00543.pdf>
- FLECK, Marcelo Pio de Almeida; LEAL, Ondina Fachel; LOUZADA, Sergio; XAVIER, Marta; CHACHAMOVICH, Eduardo; VIEIRA, Guilherme; SANTOS, Lyssandra dos; PINZON, Vanessa. Desenvolvimento da versão em português do instrumento de avaliação de qualidade de vida da OMS (WHOQOL-100). **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 19-28, Mar. 1999. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44461999000100006>
- FONSECA, Aline Arruda da; COUTINHO, Maria da Penha de Lima; AZEVEDO, Regina Lígia Wanderlei de. Representações sociais da depressão em jovens universitários com e sem sintomas para desenvolver a depressão. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 492-498, 2008. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722008000300018>
- LIMA, Raymundo de. Os suicídios e a universidade produtivista. **Rev. Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 149, p. 78- 86, 2013. <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/22070/11718>
- MALAGÓN-OVIEDO, Rafael Antônio; CZERESNIA, Dina. The concept of vulnerability and its biossocial nature. **Interface-Comunicação, saúde e educação**, Botucatu, p.237-249, 2015. <https://www.scielo.org/pdf/icse/2015.v19n53/237-250/pt>
- ORTEGA-PEREZ, Carlos Alexander; COSTA-JUNIOR, Moacyr Lobo da; VASTERS, Gabriela Pereira. Perfil epidemiológico da toxicodependência em estudantes universitários. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 19, p. 665-672, jun. 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692011000700002>
- OSSE, Cleuser Maria Campos; COSTA, Ileno Izídio da. Saúde mental e qualidade de vida na moradia estudantil da Universidade de Brasília. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 115-122, mar. 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2011000100012>
- PADOVANI, Ricardo da Costa; NEUFELD, Carmem Beatriz; MALTONI, Juliana; BARBOSA, Leopoldo Nelson Fernandes; SOUZA, Wanderson Fernandes de; CAVALCANTI, Helton Alexsandro Firmino; LAMEU, Joelma do Nascimento. Vulnerabilidade e bem-estar psicológicos do estudante universitário. **Rev. bras. ter. cogn.**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 02-10, jun. 2014. <http://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.2>
- RIGONI, Patrícia Aparecida Gaion; COSTA, Luciane Cristina Arantes da; BELEM, Isabella Caroline; PASSOS, Patricia Carolina Borsato; VIEIRA, Lenamar Fiorese. Orientação de vida e comportamentos de risco para a saúde em universitários: uma análise sob o olhar da psicologia positiva. **Rev. educ. fis. UEM**, Maringá, v. 23, n. 3, p. 361-368, set. 2012. <http://dx.doi.org/10.4025/reveducfis.v23i3.16856>

SILVA, Rachel Rubin da. O perfil de saúde de estudantes universitários: um estudo sob o enfoque da psicologia da saúde. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - **Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria**, Santa Maria, p.13-38, 2010.

<http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/10300/SILVA%2c%20RACHEL%20RUBIN%20DA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

SOUSA, Hugo Gedeon Barros dos; MARCON, Samira Reschetti; ESPINOSA, Mariano Martínez; BAPTISTA, Makilin Nunes; PAULO, Paula Mirianh Cabral de. Fatores associados à presença de ideação suicida entre universitários. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.25, p. 1-8, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1518-8345.1592.2878>

WERLANG, Rosangela; MENDES, Jussara Maria Rosa. Sofrimento social. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 116, p. 743-768, Dec. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-66282013000400009>

WHOQOL GROUP. The World Health Organization quality of life assessment (WHOQOL): Position paper from the World Health Organization. **Soc. Sci. Med**, v.41, p. 1-13, 1997. http://www.who.int/mental_health/media/68.pdf

SOBRE A AUTORA:

Laiza Rodrigues Oliveira. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura e Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), graduada em Letras: Língua Portuguesa e Literaturas pela UFNT. Docente na Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - Campus Açailândia/MA. Desenvolve pesquisa com foco nas Ciências do Léxico e é participante do Grupo de estudo do Dicionário. Contribuição de autoria: autora - <http://lattes.cnpq.br/7078905252887167>.

Como citar este artigo

OLIVEIRA, Laiza Rodrigues. Estado da arte: vulnerabilidade psicológica em universitários.

Revista Educação em Páginas, Vitória da Conquista, v. 01, e11232, 2022. DOI:

<https://doi.org/10.22481/redupa.v1.11232>